

A DAMA E O INICÓRNIO: UMA LEITURA ICONOGRÁFICA

Solange Maria Leão Gonçalves¹, Nelyse Aparecida Melro Salzedas²

Abstract: *This paper embraces the tapestry, from Cluny Museum: La Dame a la Licorne. There are in two types of analyses: One is a diachronic view and also a synchronic, which guide its practice. In the tapestry La Dame a la Licorne at the Cluny Museum a reading based over the myths and symbols was the main line. The first analyses, diachronic covers the temporality of the tapestry production, the second one, synchronic, describes the level of history, religion and myths involved. This work consists in a process of actualization and an effort to bring closely the discussion over tapestry, using methods applied to non-verbal readings.*

Index Terms: Lady and Unicorn tapestry, iconographic

INTRODUÇÃO

Este trabalho enfoca uma tapeçaria do acervo do Museu do Cluny: La Dame a la Licorne. Há nele um corte diacrônico na tapeçaria, bem como um sincrônico no se fazer. Foi realizada uma leitura sedimentada no símbolo e no mito. A diacronia abrange a temporalidade da produção e a sincronia uma descrição a nível da história, da religião e do mito. A leitura foi um processo de atualização e presentificação da Dama e o Unicórnio, utilizando-se de uma metodologia ajustada ao texto não verbal.

DISCUSSÃO

É notável como as obras de arte chegam a comover-nos e despertam nossa atenção, como estimulam nossa imaginação e nos conduzem para uma interpretação da representação que se realiza com algum propósito ou finalidade e em determinado contexto histórico.

Isto é exatamente o que ocorre com a série de tapeçarias intitulada “A Dama e o Unicórnio”, que foi realizada em um contexto histórico do final da Idade Média, para ser mais precisa, durante o Período Gótico, quando essa série de quadros tecidos, que contavam uma história, eram inerentes ao gosto mais requintado da sociedade aristocrática desse tempo.

Na obra A Dama e o Unicórnio”, cada painel constitui um quadro, ou melhor, cenas independentes, regidos por motivos próprios, que no ato de leitura enquadram-se em uma sintaxe narrativa. Porém pela sua feitura, tal sintaxe é móvel e não estabelece relação de causa e efeito. Somente uma delas, “*Mon Seul Desir*”, interfere nas outras que antecedem.

É, sobretudo essencial tentar determinar o significado das seis obras que compõem A Dama e o Unicórnio. De acordo com a maioria das hipóteses, cinco delas representam os cinco sentidos. Existem alguns exemplos de trabalhos executados sob diferentes técnicas, com tema semelhante às tapeçarias do Cluny. Na obra do Cluny, a representação dos cinco sentidos está clara; Visão, é simbolizada pelo unicórnio observando-se no espelho que a jovem sentada segura; na Audição, pelo som do órgão tocado pela jovem; no olfato, a jovem está simplesmente envolvida pelo perfume dos cavos que a servente segura em um chapéu e ainda podemos ver o macaco sentado num banquinho, cheirando a flor; ele está de posse da cesta, indicando o simbolismo da cena; Paladar, a jovem está abstratamente servindo-se de um prato de doces, dando um pouco de atenção para o pequeno pássaro, parecido com um falcão em seu pulso. O macaco, à sua esquerda, está pondo algo em sua boca, e aqui a mensagem é muito clara; Tato é simbolizado pelo gesto da jovem segurando o chifre do unicórnio. São cinco hipóteses similares, cada uma servindo de suporte para outra e cobrindo a explicação global dos cinco sentidos e que estão sendo consideradas como evidências.

A primeira vista, parece difícil encaixar o sexto painel “Único desejo”, na série de tapeçarias do Cluny. São seis painéis, que no século XVIII, foram considerados como parte do mesmo tema. Um estudo do estilo reforça essa teoria e não deixa lugar para a hipótese de ser a única sobrevivente de um outro conjunto. Pela combinação, igual nos seis painéis: a base azul sobre um fundo vermelho a jovem, a servente, o leão, o unicórnio e as armas muito parecidas, sugere que tenham sido encomendadas a um único artista, e executadas por tapeceiros de um mesmo estabelecimento, pois não mostram diferenças de técnicas.

Nesse estudo iconográfico, pode ser de grande importância trabalhar ainda, com os demais elementos dessa composição que podem ajudar a iluminar pontos obscuros e não ficar restrito apenas à explicação do objeto.

A começar pelo famoso unicórnio, bastante presente nessa série de tapeçarias que inclusive leva seu nome. Esse fabuloso animal, (mitológico), conforme Bourdieu (1989) nasceu na imaginação da antiguidade e foi primeiramente mencionado por Ctesias, um doutor grego que vivia na corte de Artaxerxes Mnemon por volta de 400 anos a. C.. Seu corpo remete a um cavalo, mas, com cascos divididos ao meio e uma cabeça de cabra, remontada por um longo, estreito e espiralado chifre - daí surgindo seu nome, Unicornus, (um só chifre).

¹ Solange Maria Leão Gonçalves, UNESP, Av. Eng. Luiz e. C. Coube, 1401, CEP 17033-360, Bauru, SP, Brasil, solange@faac.unesp.br

² Nelyse Aparecida Melro Salzedas, UNESP, Av. Eng. Luiz Edmundo Coube, 1401, CEP 17033-360, Bauru, Sp, Brasil, nelysesalzedas@yahoo.com.br

Aristóteles e Plínio passaram essa imagem e, na Idade Média, tornou-se rodeado de mistérios. Era suposto que o unicórnio possuísse poderes prodigiosos, então só poderia ser capturado por uma jovem virgem. Aparece frequentemente na iconografia medieval, especialmente com relação ao final da Idade Média. No Museu do Cluny, pode-se ver, num baú de couro do século XV também na Catedral de Auxerre, numa tapeçaria, que narra a lenda de Saint Etienne e no Museu Cloisters, em New York, uma tapeçaria famosa, “A Caça ao Unicórnio”, e ainda um desenho feito de uma tapeçaria perdida, que pertenceu a Charles de Bourbon, mostrando-o numa espécie de redoma, ajoelhado diante de uma jovem garota (MIGUEL, 1992).

O unicórnio tem também grande importância na linguagem heráldica: mostra-se face a outro unicórnio ou frequentemente a um leão como nas armas da Inglaterra.

O simbolismo do leão é particularmente rico; segundo Miguel (1992), o leão pode simbolizar Cristo, os cristãos, a força, o orgulho, a magnitude, mas também ainda o diabo e o perverso.

Na série do Cluny, a função do Leão e do Unicórnio é algo diferente, embora nesse trabalho tentar-se-á demonstrar que a função do leão e do Unicórnio pode ser analisada de um ponto de vista maniqueísta. No Olfato, representado na Figura 04 e Paladar, Figura 05 seguram, um frente ao outro, bandeiras decoradas com luas crescentes prateadas, e também carregam o escudo do arsenal - o do leão no Olfato é mostrado como uma capa sobre seus ombros, No Paladar seus braços estão cruzados segurando o estandarte.

No Único Desejo estão mostrando o estandarte sem segura-lo, porém a fisionomia do leão é algo curiosa, diferente de todas as outras cenas. Na Audição, estão meramente presentes segurando o estandarte, na Visão, somente o leão, segura o estandarte enquanto que no Tato, o unicórnio é tocado pela jovem. Pode-se ver que o unicórnio nunca mostrado sozinho, sempre com o leão e um frente ao outro.



Figura 3 – Paladar

Existem tapeçarias da Idade Média com arsenais, porém, em nenhuma delas os símbolos heráldicos são tão abundantemente representados quanto nessa série da “A Dama e o Unicórnio”.

As armas, ou seja, os estandartes e os escudos são instrumentos usados em combate de guerra. Têm as ponta de metal terminando em lança. Estas armas estão tão presentes

nas cenas dessa tapeçaria, que Jean Le Viste IV pode ter simulado.



Figura 4 - Olfato

Ele veio de uma família que não era nobre, mas esteve desesperadamente tentando ser; então se introduziu nessas seculares alegorias: flâmulas, bandeiras, estandartes, escudos, lanças, como se fosse um bravo soldado. As tapeçarias do Cluny confirmam o quanto ele desejou um título de nobreza.

Em nenhum momento das leituras e pesquisa, notam-se referências de que ambos: criador e mandatário da obra tenham estabelecido uma forma de representação tão distante dos cânones existentes no período de sua realização. Percebe-se que algumas tapeçarias desse período, que foram preservadas, trazem em seu simbolismo uma constante luta entre o bem e o mal. Estavam totalmente fora do temas da época, conforme exemplos citados anteriormente. Seus símbolos são pertinentes a manifestações místicas, porém, não religiosas .

A Igreja combatia temas demoníacos que envolvessem bruxarias, rituais e atos de contemplação mística que não fossem ligados ao cristianismo. Conforme Gaston-Suchaux (1993), os símbolos utilizados nessas obras, possuem muito desse universo em sua forma de representação. Na “Dama e o Unicórnio”, os cães, macacos, o próprio leão e unicórnio, que numa leitura com visão maniqueísta, pode-se evidenciar esse simbolismo sem conotação religiosa o unicórnio, corno sendo a doçura, o equilíbrio, a paz, o bem, em contrapartida temos o leão como sendo a tentação a agressão. a inveja, enfim a oposição ao bem. Na cena do Paladar, por exemplo, o leão esta com uma fisionomia agressiva, encarando o unicórnio. Na cena do Único Desejo, novamente o leão com sua fisionomia agressiva, como se estivesse desafiando o unicórnio que docemente contempla a jovem renunciando à luxúria.

Contudo, a reputação e a fama dessa tapeçaria devem-se sobretudo, ao brilho de seu colorido em cada um dos seis painéis. Essa luminosidade compreende um número limitado de tons, sempre sombreado, com uma imensa variedade de elementos compondo a cena, que aliada à luminosidade, cria um clima de poesia.

A “ilha” circular, de cor azul escuro, serve como base para a cena, é toda plantada com tufo de flores, assim como o fundo vermelho, é decorado com ramos de flores pendendo de seu caule.

A quantidade de flores remete a tapeçaria para o final da Idade Média, onde era abundante a produção de “Mille Fleurs”. Existem muitos exemplares desse tipo de produção espalhados por toda a Europa, porém, aqui estão citadas apenas algumas, com características bastante semelhantes às do Cluny. Sobre um fundo verde, a famosa “Penélope”, essa obra que pertenceu ao bispo de Tournai, Ferry de Cluqny. produzida entre 1480 e 1483, de autor desconhecido, está hoje no Museu de Boston. Datando também da primeira metade do século XV, “The Kill of the Unicorn”; “A Lady holding a Falcon”; “A Lord offering a Heron to a Lady” e “A Knightly Couple” no Metropolitan Museum de New York e ainda “Departure for the Hunt”, Museu de New York.

No Cluny, esta ilha de flores, está completa por três árvores, que podemos ver em cada painel, com exceção na Visão, onde existem apenas duas. São árvores diversas, pinheiros, carvalhos, laranjeiras florindo, estas devem ter algum simbolismo, assim como os animais retratados: panteras, leopardos, lobo, raposa, cachorro, cabra, carneiro, coelho, falcão, macaco, pato e ainda um jovem unicórnio, no qual ainda cresceu chifre, Paladar.

Essa narrativa tecida enfatiza a elegância da jovem, retratada seis vezes, numa diferente atitude e em cada cena vestindo uma roupa diferente. Essa não é a mesma personagem repetida seis vezes. Uma a uma dessas figuras alegóricas, está representando um sentido diferente. No Paladar e Visão, expostos nas Figuras 3 e 6 a face é redonda, ovalada nas demais e especialmente longa no Tato Figura 07. Percebe-se que o artista não tinha um modelo especial para retratar e com isso pode-se excluir definitivamente a teoria de que essas eram representações de Claude Le Viste ou de sua tia.



Figura 06 - Visão.

O encanto dessa jovem está representado em sua esplêndida vestimenta: no vestido de brocado estampado, com o forro de veludo brilhante, com faixas bordadas de pedras preciosas em torno da gola e extremidades das mangas com cinto de romãs.

Tudo isso revela um amor pela luxúria, certamente prevaemente naquele tempo. As muitas jóias, casquetes, tiaras, colares, pulseiras e cintos, apenas enfatizam essa riqueza sem nada adicionar ao seu brilho.



Figura 07 - Tato

Existe uma busca da variedade, especialmente nos enfeites da cabeça da jovem - no Tato, o cabelo está solto caído nas costas, ornamentado por um casquete de pedraria; no Paladar, o cabelo é curto sob um véu transparente, preso à cabeça por uma tiara. Enquanto no Olfato, o cabelo está quase escondido por um véu caindo sobre os ombros; na Visão e Audição ele está preso e amarrado com fitas, terminando no topo da cabeça. Essa era aparentemente a moda daqueles dias, mesmo porque podemos ver esse mesmo penteado em “Penélope”.

À servente está vestida mais simplesmente, mas, com a mesma elegância e refinamento. Quanto aos trajes, não parecem ser os mesmos usados na corte francesa, parecem vindos da Itália, com características orientais no adamascado da Tenda em Único Desejo, mas são provavelmente, frutos da imaginação do artista.

Sabe-se que três operações são necessárias para produzir um tapete: primeiro, um artista projeta o modelo, isto é, mais ou menos a composição, numa escala menor. Um ilustrador transpõe esse modelo para o final e eles se transformam em cartões. Finalmente tecelões reproduzem esses cartões usando suas próprias técnicas de tecer. Esse processo se torna criativo a cada estágio. No resta dúvidas quanto ao primeiro, no segundo, é na hora de aperfeiçoar detalhes, enquanto que no terceiro, há uma preocupação do tecelão quanto à técnica e as cores.

A composição, o desenho dos personagens e o estilo das tapeçarias do Cluny, mostram que elas pertencem a uma categoria que revela o talento de um artista criando um trabalho de arte original.



Figura 8 – Único Desejo.



Figura 09 - Audição

Cada cena está admiravelmente equilibrada, construída na forma de uma pirâmide sobre um eixo vertical. No Único Desejo, representado na Figura 08, a tenda com suas duas bordas abertas formam um esplêndido cenário para a jovem; um pequeno cachorro descansa sobre uma almofada simétrica em relação à posição da servente, assim como o leão está para o unicórnio. Na Audição, Figura 09, é o órgão que cria o eixo em torno do qual estão a Jovem e sua servente. No Olfato, é a própria jovem mulher, com sua figura esguia ao centro, o equilíbrio parece estar sendo afetado pela presença da servente à sua esquerda, porém, é recuperado à direita pelo banco, no qual se encontra a cesta de flores e o macaco. No Paladar, o eixo descansa no centro do prato de confeitos.

No Tato, ele é novamente oferecido pela figura esguia da Jovem, enquanto que o longo chifre que ela toca com sua mão esquerda corresponde ao mastro na sua direita, como faz o leão ao corpo do unicórnio, os três reforçam essa impressão, criando efeitos verticais em adição aos produzidos pelo estandarte e ainda os troncos de árvores. Essas linhas fazem mais do que criar um ritmo, começando em diferentes níveis, eles produzem um efeito de perspectiva como o ponto de fuga no nível do olho do espectador. Isto é especialmente evidente na Visão, Paladar e Único Desejo. Então para evitar o risco da monotonia a composição do Tato, centra-se na diagonal, passando através do chifre do unicórnio e da lança, subindo até o topo do pinheiro à esquerda. Na Audição, o efeito de profundidade é obtido através da perspectiva diagonal da mesa onde está o Órgão, esta perspectiva é repetida à direita, pelo chifre do unicórnio.

Essa evidente intenção para criar uma impressão de profundidade é enfatizada pela forma oval da base, a qual, é mais ou menos, inclinada nas diferentes cenas. A composição de cada cena revela o trabalho do grande artista que soube aproveitar o efeito que a base azul contrastando com o fundo vermelho, acaba por aproximar toda a composição.

O conjunto das seis peças que constituem a obra “A Dama e o Unicórnio”, objeto desse estudo, caracteriza-se por uma solução espacial anterior ao que se encontra no Renascimento. Nota-se que os elementos comuns na organização do espaço são o jardim em forma circular, onde acontecem os eventos sensíveis e que se repetem de maneira

aproximada em todos os demais. O jardim constitui o plano onde se realizam as representações. De fundou comum aos seis painéis, existe um plano vertical com características que se aproximam ao cortinado, tecido como o próprio conjunto da obra.. A solução espacial por Justaposição de planos não ignora os valores de cada um dos elementos ali existentes. Há ainda que se notar que este plano circular do jardim flutua as vezes, em algumas peças, e em outras, descansa levemente sobre uma indefinida linha do horizonte. O jardim não demonstra o peso de sua massa física.

Os elementos pictóricos, vegetação e pequenos animais, que preenchem o plano de fundo, permanecem na base abaixo dessa passível referência do horizonte.

No “Mito da Dama e o Unicórnio”, Chevalier (1988) renovou a interpretação do símbolo, ligando-o às concepções medievais do amor cavalheiresco. Primeiramente descreve sua visão de poeta: “Era um unicórnio branco, do tamanho de meu cavalo, mas com um rastro mais comprido e mais leve. A crina sedosa voava sobre sua fronte; o movimento fazia com que corressem por seu pêlo arrepios brilhantes e que sua calda espessa flutuasse. Todo o seu corpo exalava uma luz cinzenta; centelhas faiscavam às vezes de seus cascos - galopava como se quisesse manter para cima o chifre terrível onde nervuras nacaradas se enrolavam em espirais regulares..” Depois, vê o Unicórnio como modelo das grandes apaixonadas, que decidem recusar—se à consumação do amor que sentem e que fazem sentir. São seres que renunciam ao amor para permanecerem fiéis ao amor, salvando-o de uma decadência irresistível. Opondo-se aí à lírica da renúncia e a lírica da posse, a sobrevivência da donzela e a revelação da mulher.. O mito do unicórnio é o da fascinação que a pureza continua a exercer sobre os corações mais corrompidos.

Conforme exposto anteriormente, há imprecisão quanto à datação histórica do conjunto da obra. Sabe-se apenas que a mesma antecede o Renascimento, e conforme Francastel (1993), a descoberta realizada no Quattrocento, pelos círculos de artistas e de sábios que se podia medir não só as coisas, mas o vazio, descoberta que teve consequências incalculáveis, pondo fim ao realismo medieval oscilante entre o místico e o onírico, possibilidade do autor desconhecer ou simplesmente negar um modelo de representação que se instaura naquele momento em que se inicia novas discussões filosóficas, teológicas e científicas, faz com que a ausência das soluções geométricas e de precisão da representação proposta pelos cânones da perspectiva, provoquem um distanciamento do conjunto da obra no plano do cotidiano, para aproxima-la de uma mística distante também dos preceitos religiosos, constituindo-se em uma obra de elementos profanos, mantendo o conjunto em um estado permanente de suspensão e carregada de simbolismos que não se fecham na descrição pura e simples de seus títulos.

Sabe-se que na composição da Dama e o Unicórnio, a representação dos sentidos como o Paladar, Tato, Olfato, Visão e Audição, incorpora-se no e com o Desejo. Está

evidente a partir dos resultados e consequentes títulos que se trata de um conjunto criado por uma necessidade interior do autor ou do solicitante, e no de um plano espacial pré visualizado e concebido. É comum em todas as peças, a repetição de elementos carregados de simbolismos que podem ajudar a compreender os seus significados. Observa-se que esses elementos mesclam imagens, frutos da observação e outros da imaginação e do simbólico. Tome-se como exemplo os animais, como protótipos simbólicos e representando as camadas profundas do instinto humano. Eram considerados símbolos dos princípios e das forças cósmicas, materiais e espirituais, representando os três níveis do universo: inferno, terra e céu.

Na Bíblia, os animais agrupados parecem providos de significado e sentido especial, colocando em comunicação nos diferentes níveis do universo, o pássaro, ser celeste, que apresenta parentesco com o céu; o boi com a terra; a cabra com a água o carneiro com o ar. Existem ainda outras analogias entre esses animais e o homem. O boi apresenta afinidades com o corpo por sua docilidade a cabra relaciona-se com os sentidos; pois esses como ela seguem seus impulsos. O carneiro evoca a razão em sua apreensão do mundo visível.

Os animais, se considerados por grupos ou individualmente, correspondem à caracteres mais simbólicos do que alegóricos, pelo número e complexidade de significados que um único significante neles envolve. Existem aqueles que, por sua carga simbólica, permanecem ao longo da história humana, a exemplo do cordeiro, o cão, o unicórnio e o leão, os quais, entre outros, fazem parte deste estudo.

ÁRVORES, símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, evocando toda a verticalidade. Significando também o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração - perdem e tornam a cobrir-se de folhas todos os anos. Através de suas raízes, comunicam-se com o subterrâneo; através de seu tronco e galhos inferiores, a superfície pelos seus galhos superiores e seu cimo atraídos pela luz do sol com o céu. Reunindo assim todos os elementos: a água circulando com sua seiva; a terra integrando-se com suas raízes; as folhas são nutridas pelo ar e delas o fogo, quando seus galhos estão secos e se friccionam um contra o outro.

JARDIM, conforme sua forma pode significar o poder do homem e em particular, o seu poder sobre uma natureza domesticada. Pode ainda ser símbolo do paraíso terrestre, do Cosmo de que ele é o centro, do paraíso celeste, de que é a representação, dos estados espirituais, que correspondem às vivências paradisíacas.

Sabe-se que o paraíso terrestre do gênesis era um jardim, que Adão cultivava; o que significa a predominância do reino vegetal no começo de uma era cíclica.

Já se disse muito sobre jardins, como exemplo, os jardins da Roma antiga, que eram lembranças de um paraíso perdido; os célebres jardins japoneses e persas; o jardim suspenso da Babilônia, onde existe a fonte da imortalidade.

Lembrando ainda que não existe jardim sem perfume e que existe ainda um simbolismo associado ao perfume das flores. Por exemplo, o perfume do Jasmim é de reis; o da rosa é dos enamorados o narciso, da juventude o lótus azul, do poder material e da riqueza.

FLORES, de maneira geral são símbolos do princípio passivo. Apresenta-se muitas vezes como figura — arquétipo da alma, como centro espiritual. Os usos alegóricos das flores podem estar entre os atributos da primavera, da aurora, da juventude, da retórica, da virtude entre muitos outros.

Existe uma dificuldade natural para uma análise precisa da significação da obra “A Dama e o Unicórnio”, que é decorrente do alto grau de simbolismo que recobre todas as peças. Esta dificuldade natural decorre também do distanciamento temporal e da opacidade de significado dos elementos nela existentes. Toda obra é consequência de um momento histórico e de seus componentes políticos e sociais. A imprecisão da sua datação e a ausência dos referentes históricos, tem dificultado no decorrer desse trabalho, conclusões mais definitivas. Por mais precisos que se possa ser na busca de significados dos elementos individualizados da obra, a exemplo do próprio unicórnio, do leão, da vegetação e do restante dos animais, ainda assim faltará os elementos de ligação para uma correlação dos mesmos.

Os elementos comuns constituem assim, por suas permanências, um palco onde os seis atos se desenvolvem. Para cada uma das peças ou para cada um desses atos são incluídos ou retirados pequenos elementos do cenário ou ainda redistribuídos. Estas pequenas mudanças, a princípio visuais, não caracterizam alterações profundas em cada uma das representações.

REFERENCES

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difusão Editorial Ltda., 1989.
- BRANDEMBURG, Alain Erlande. **The lady and the unicorn**. Paris: Editions de la Reunion des Musées Nationaux, 1989.
- CALABRESE, Omar. **Como se lee una obra de arte**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1993.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio, 1988.
- DUCHET-SUCHAUX, Gaston. **Iconographie Médiévale**. Paris: CNRS Editions, 1993.
- FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- GOMBRICH, E. H.. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.
- MIGUEL, Dom Pierre. **Dictionnaire symbolique des animaux**. Paris: Bellefontaine, 1991